



PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS) NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: reflexões a partir das Escolas do Campo

Daiane Ferreira Ferreira¹
 Vagner Viera de Souza²
 Celiane Costa Machado³
 Elaine Corrêa Pereira⁴

Resumo

O presente artigo se propõe a apresentar uma pesquisa que trata da Educação do Campo, cujo escopo consiste em problematizar a Formação de Professores (as) da Escola do Campo em uma comunidade denominada Ilha dos Marinheiros na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul. As reflexões se dão no contexto de uma comunidade tradicional onde o Núcleo de Estudos Sobre a Educação do Campo - NEECa, busca dialogar que Educação do Campo queremos, e o quanto é importante valorizar a cultura, história e a estética do lugar com os sujeitos que a constituem. Deste modo, foram desenvolvidos encontros com os docentes das quatro escolas situadas nesta comunidade, com a finalidade de promover a reflexão sobre uma Educação do Campo que dialogue com a realidade dos estudantes e de sua comunidade, partindo de pressupostos educativos que valorizem os saberes populares, bem como a horizontalidade ao longo dos processos de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Educação do Campo. Educação Popular. Formação de Professores(as).

¹ Doutoranda em Educação em Ciências, Mestre em Educação, Especialista Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, Especializanda em Educação em Direitos Humanos e Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Professora de Ciências e Biologia do Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e de Cultura Popular (NEEJA). E-mail: daiane.ferreira13@outlook.com

² Mestre em Educação em Ciências e Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Graduado em Tecnologia em Sistemas para Internet pela Faculdade Anhanguera do Rio Grande (FARG). E-mail: vagner@vagnersouza.com

³ Doutora e Mestre em Matemática Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Matemática Aplicada e Graduada em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande, (FURG). Professora da FURG. E-mail: celianecmachado@gmail.com

⁴ Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Matemática Aplicada Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Matemática Aplicada e Graduada em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professora da FURG. E-mail: elainepereira@prolic.furg.br

História, realidade e concepções da educação do campo

Historicamente, a Educação no Brasil foi negada às classes populares, sobretudo, aos sujeitos do campo. Os homens e mulheres do campo eram vistos como sujeitos sem a necessidade de uma formação escolar já que suas atividades estavam ligadas especificamente à agricultura. O período da colonização do Brasil foi desenhando um viés na educação, direcionando-a as classes mais elitizadas.

Propositamente, Portugal mantinha a colônia ignorante e analfabeta, condição necessária para manter o avanço do capitalismo nesse país, porém, tendência seguida pelos governantes posteriores, que permitiram constatar-se no final do século XX o baixo padrão de desenvolvimento da educação aos povos do campo. (COUTINHO, 2009, p.40)

Com relação à história do nosso país, ela se modifica no sentido das transformações no cenário político. O Brasil saiu de um período de colonização e exploração para o império onde se fez “independente” e proclamou-se uma república. Essa mudança no contexto acabou por reivindicar que a educação fosse um direito de todos e todas, visto que o país neste período tinha um grande percentual de pessoas analfabetas.

No que se referem às legislações que tangem a Educação do Campo, elas começam a aparecer de forma modesta nos anos de 1930. Isto porque, neste período, o Brasil está no momento de expansão econômica devido à revolução industrial. A partir disto, há um grande êxodo rural ao mesmo tempo em que há a necessidade de modernizar as atividades do Campo. Segundo Coutinho (2009, p.43):

Em 1940, 69% da população brasileira estavam no campo; em 1950 totalizavam 64% e em 1960 o percentual era de 55%. Esse significativo movimento do campo para as cidades revelaria o que já se sabia não ter ocorrido: o direito a viver e trabalhar, com dignidade, na terra e o acesso à educação.

Muito embora o Estado ainda não demonstrasse o interesse na escolarização dos sujeitos do campo, a Educação pensada para esse contexto era conhecida como Educação Rural. É sabido que a Educação do Campo nasce pela disputa de terra pelos camponeses, uma luta permanente até os dias de hoje. A política de Reforma Agrária, por exemplo, ainda é um espaço de debate, principalmente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, que traz em suas vertentes muitas discussões epistemológicas da Educação Popular para compor os debates da Educação do Campo.

Desta forma, partimos de meados dos anos 1960, quando Paulo Freire criou os métodos de Educação Popular, os quais tinham por suporte filosófico-ideológico os valores e o universo sociolinguístico-cultural. Sendo assim, inicia-se um processo de valorização das

culturas populares e o reconhecimento dos saberes não acadêmicos procedentes destes sujeitos.

No que tange os movimentos sociais, destacamos o protagonismo e a importância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, os quais não satisfeitos com uma educação que não contemplava os povos do campo passaram a fazer na prática a Educação do Campo sistematizando as experiências e com isso deram origem aos documentos produzidos. Com isso, evidenciaram-se as necessidades e possibilidades no intuito da construção de políticas públicas voltadas para a Educação do Campo. Neste sentido, o MST propunha um novo modelo de educação que acolhesse os sujeitos do campo em sua totalidade, considerando suas culturas, produções e necessidades como pessoas pertencentes a um contexto histórico. De acordo com Ribeiro (2008, p.29)

O conceito de educação do campo vem sendo construído nos movimentos sociais organizados na Via Campesina-Brasil. Campo, para esses movimentos, tem uma conotação política de continuidade e identidade com a história das lutas camponesas internacionais e está explicitado nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

Na década de 1990 as discussões continuaram se intensificando. Destacamos dois momentos importantes que são o “I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária - Enera” em 1997 e a “I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo” em 1998. Durante o Enera, os seus participantes concluíram ser necessária uma articulação entre os trabalhos em desenvolvimento, bem como a sua multiplicação, dada à grande demanda dos movimentos sociais por educação no meio rural e a situação deficitária da oferta educacional no campo, agravada pela ausência de uma política pública específica no Plano Nacional de Educação.

A Primeira Conferência ocorrida em 1998 foi um importante momento de encontro e integração entre os sujeitos dos movimentos sociais que buscavam o fortalecimento da Educação do Campo. Segundo as palavras de Arroyo e Fernandes (1999, p. 13)

a impressão que levo desta Conferência é que ela não fala de pedagogia, ela não apenas fala de educação básica do campo. Ela em todo momento, é pedagógica, é educativa. Todos os gestos são educativos. Aqui se fala mais com gestos do que com palavras. Isto é uma característica muito forte do movimento social do campo.

Neste momento, a expressão campo substitui o termo rural em que, basicamente, as propostas eram pela manutenção de um único modelo de escola para área urbana e rural. Também no ano de 1998 em 16 de abril, por meio da Portaria Nº. 10/98, o Ministério Extraordinário de Política Fundiária criou o Programa Nacional de Educação na Reforma

Agrária (Pronera), vinculando ao Gabinete do Ministro e aprovou o seu Manual de Operações.

Dentre os seus objetivos, o PRONERA visa contribuir no sentido do fortalecimento da educação nas áreas de assentamentos e acampamentos de reforma agrária, através de metodologias que levem em consideração as especificidades dos sujeitos do campo, criando ações direcionadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e à Formação de Professores em nível de graduação e Pós-Graduação preparada para contribuir junto a estes contextos (BRASIL, 1998).

Em 2004, ocorreu a II Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, dando continuidade aos diálogos de 1998 e ampliando os debates ao reafirmar a necessidade da criação de políticas públicas de Educação para o Campo. No ano de 2015, ocorreu o II Enera, que reuniu educadores, trabalhadores do campo, pais e estudantes para debates sobre alimentação escolar, agroecologia, agronegócio na escola pública, formação de professores, dentre outras temáticas. De acordo com Silva (2016, p. 77-78).

O II ENERA publicou um documento sob o título “Manifesto das Educadoras e dos Educadores da Reforma Agrária”, que seguindo o tom já anunciado no Boletim da Educação nº 12, parte de uma crítica severa ao capitalismo e sua atualidade regressivo destrutiva, e seus desdobramentos sobre a educação e sobre o campo brasileiro; e manifesta um conjunto de compromissos de luta e construção. Lutar contra o capital; contra o neoliberalismo; contra o agronegócio; contra a privatização da educação; contra o fechamento de escolas; contra a mercantilização da cultura e da vida; contra as várias formas de violência e preconceitos.

Como resultado dos esforços das pessoas que pensam e lutam por uma educação que contemple os direitos e necessidades dos sujeitos que vivem no campo, surgiu o decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, o qual dispõe sobre a política de Educação do Campo e o PRONERA. Na esfera estadual, no caso do Rio Grande do Sul, o estado conta com a Resolução nº 342, de 11 de abril de 2018, o qual rege a Educação do Campo no estado a partir do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. Esta Resolução institui um conjunto de princípios e procedimentos para a Educação Básica nas Escolas do Campo, as quais, segundo o próprio documento, deverão ser observadas no desenvolvimento desta oferta pelas instituições educacionais que integram o Sistema Estadual de Ensino.

As lutas iniciadas no século passado fomentaram a Educação do Campo como a conhecemos hoje. Ao abordarmos a temática da Formação de Professores, em específico a Formação de Professores do campo, faz-se necessário levar em consideração toda a historicidade por trás deste movimento. Um dos princípios da Educação Popular é a horizontalidade e a valorização dos saberes de todos os sujeitos inseridos no processo educativo, desta forma, reconhecer o protagonismo de homens e mulheres do campo é

potencializar o desenvolvimento da Formação Continuada.

Assim, entendemos que abordar inicialmente a Educação do Campo como processo histórico nos permite compreender as transformações que ocorreram nos últimos anos, sobretudo no que concerne a Formação de Professores. De tal modo, o objetivo desta pesquisa é problematizar a Formação de Professores (as) da Escola do Campo em uma comunidade denominada de Ilha dos Marinheiros na cidade do Rio Grande, RS, considerando as histórias que permeiam o contexto da Educação do Campo de modo geral como as que se apresentam no espaço da pesquisa.

Formação de professores na educação do campo

Como já mencionado, a Primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica e do Campo foi um marco histórico, pois foi a partir dela que se acirram os debates sobre as especificidades deste campo teórico. Nesta conferência as narrativas eram não apenas pelo direito a escola e a formação básica de homens e mulheres do Campo, mas também pelo fortalecimento das políticas públicas de educação que garantiriam o acesso e a permanência destes sujeitos nas escolas.

Sendo assim, a Educação do Campo surge então como outro paradigma que se contrapõem a essa realidade hegemônica e que luta pelo reconhecimento e respeito dos povos que trabalham no Campo. Deste modo, acreditamos que a Formação de Professores que atuam neste contexto seja o caminho para a materialização do respeito e consideração pela luta deste povo, da sua cultura e sua diversidade. É importante ressaltar que a Educação do Campo não esta separada das lutas pelo direito a terra, ou seja, é uma luta pela democratização da terra e pela democratização do conhecimento. Neste sentido, o educador que atua neste contexto precisa estar comprometido com essas lutas que emergem do contexto destes sujeitos.

A realidade do campo exige um educador que tenha compromisso, condições teóricas e técnicas para desconstruir as práticas e ideias que forjaram o meio e a escola rural. Nesse sentido, as necessidades presentes na escola do campo exigem um profissional com uma formação mais ampliada, mais abrangente, já que ele tem que dar conta de uma série de dimensões educativas presentes nessa realidade. (ANTUNES-ROCHA, 2010, p. 395)

O contexto da Educação do Campo está marcado por uma história de desigualdades e a falta de oportunidades de escolarização para os homens e mulheres do Campo como também para seus filhos. Sendo assim, os professores que atuam neste contexto precisam atender ao paradigma que está posto, ou seja, a Educação do Campo não é a mesma

organização que a Educação da área urbana. A ideia central não é pensar a educação do campo com um viés dicotômico, ou seja, entre a educação do campo e a urbana, mais sim em considerar que há especificidades neste contexto, e que estas, por vezes, são excluídas do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, muitos professores e professoras que atuam nesse contexto, desconhecem a própria história da Educação do Campo.

Lembre-mos de frases tão repetidas nos documentos oficiais: adaptar os conteúdos, os calendários e o material didático às condições de vida do meio rural. É a ideia dominante de propor um modelo único de educação adaptável aos especiais, aos diferentes: indígenas, camponeses, meninos de rua, portadores de deficiências e outros. Os fora-do-lugar. Espécie em extinção. Até quando? (ARROYO, 1999, p. 08)

Ser um professor da educação do campo exige deste sujeito que extrapole o viés conteudista, pois é preciso olhar para o lugar da educação, dos sujeitos do campo, para seu contexto, para escola. Segundo Freire “Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (2015, p.47), onde a relação é o professor detentor do conhecimento e o estudante sendo um mero depósito de informação. A Educação do Campo precisa ser progressista, dialógica, pois lida com sujeitos que historicamente estão à margem da sociedade.

Essas especificidades da Educação do Campo vêm, sendo consideradas devido a muitos embates, sobretudo dos movimentos sociais que lutam por uma educação de qualidade. E como resposta aos movimentos, nos últimos dez anos o Brasil vem desenvolvendo cursos de Graduação e Pós – Graduação na Educação do Campo. Isso vem produzindo um novo movimento no que tange os direitos destes sujeitos do campo, que são reconhecidos como sujeitos históricos. Nas palavras de Molina (2015, p. 159-160):

A ampliação permanente de 42 novos cursos de Licenciatura em Educação do Campo pode ser tomada como uma importante vitória dos movimentos sociais se considerados os aspectos relativos à ampliação concreta da oferta de formação de educadores; a conquista dos fundos públicos do Estado para manutenção dessas graduações e institucionalização da Educação Superior em Alternância como forma permanente de garantir a oferta deste nível de ensino para os camponeses, com vestibulares anuais.

A Formação Continuada para Professores da Educação do Campo ainda é um setor que carece de investimentos, embora nos últimos anos, tenha ocorrido um movimento neste sentido, ainda existem demandas reprimidas no que tange a formação. Ao pensar na formação que se trata de uma especificidade como é a Educação do Campo, percebe-se que há muito a ser feito, isso se dá também porque a Educação do Campo como se apresenta segundo sua legislação e diretrizes, é recente. Grande parte destes professores desconhece a realidade do

campo, sua forma de produção, sua cultura, sua sociabilidade. Por isso, de acordo com Arroyo “os movimentos sociais do campo colocaram em suas lutas como prioridade “professores do campo” nas escolas do campo” (2010, p.478).

Essa defesa de que a escola do campo seja no campo com professores do campo fortalece as políticas de enraizamento de seus saberes, culturas e seus modos de viver. Para, além disso, é preciso pensar uma formação que não seja generalista que se encaixe em qualquer contexto. A formação de professores está centrada nos domínios das verdades absolutas da ciência e precisa romper com a ideia de que há uma única forma de conhecimento.

Essa lógica domina a visão escolar de conhecimento, de verdade, de validade e de racionalidade e conseqüentemente de licenciatura, docência e sua formação centrada nesses domínios. A afirmação desses conhecimentos e modos de pensar como únicos leva a negação de outros conhecimentos e de outras formas de pensar. Leva ao não reconhecimento dos coletivos populares como sujeitos de conhecimento, de racionalidade. (ARROYO, 2010, p. 484)

A identidade da Educação do Campo se fundamenta nas lutas sociais e na Educação Popular. Deste modo, esta educação e com isso a sua formação deve ser construída em uma perspectiva que considere a diversidade e as especificidades presentes. Com tudo, respeitando as lutas dos movimentos sociais por uma pedagogia que dialogue com homens e mulheres do campo, no Município do Rio Grande surge um Núcleo de Estudos da Educação do Campo - NEECA que está vinculado ao Grupo de Estudos Formação de Professores e Práticas Educativas – FORPPE.

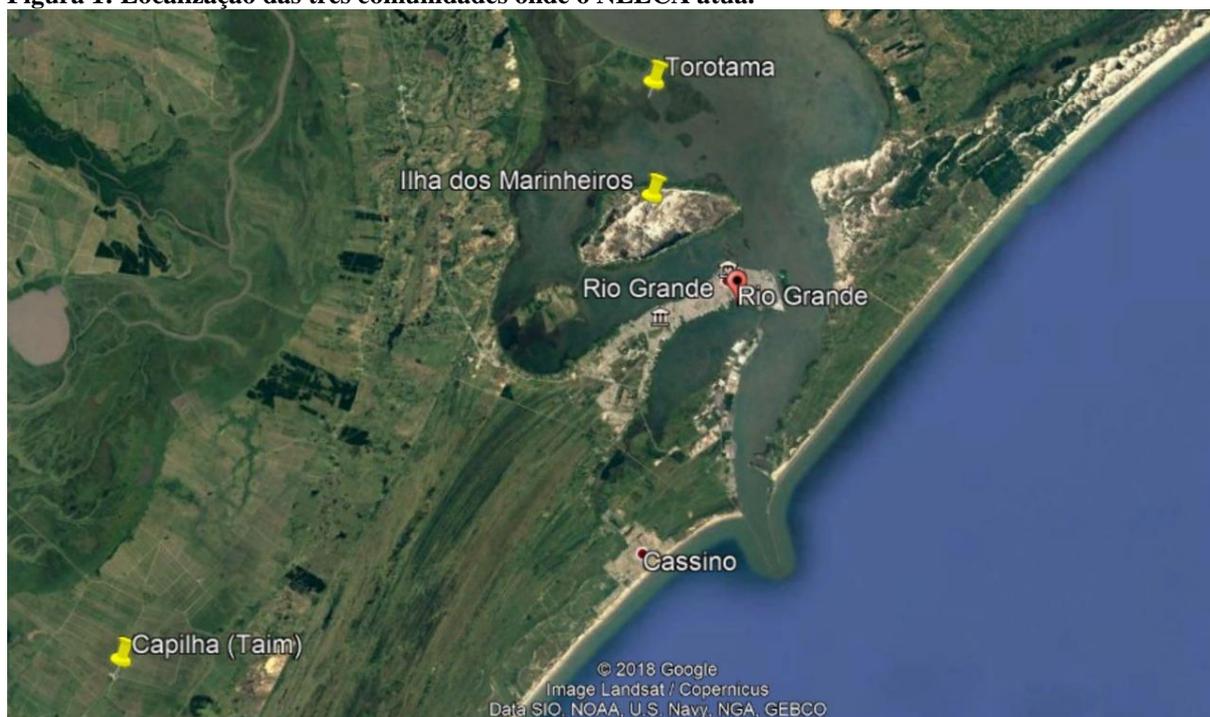
O primeiro ponto a ressaltar sobre o NEECA é que o seu surgimento se deu pelas vivências de seus integrantes e pela necessidade de dialogar sobre a Educação do Campo. Além disso, seus integrantes possuem um vínculo com o campo, seja porque são oriundos deste contexto ou ainda por terem atuado por muito tempo em projetos ou escolas que estão no campo. Essa característica que dá ao NEECA o empoderamento do lugar de onde fala, pois são sujeitos que conhecem a realidade das escolas do campo e da Educação do Campo nos contextos que o NEECA se desafia a pesquisar. Discorrendo sobre esses desafios, um deles é pensar e articular a formação de professores que atuam nas Escolas do Campo na rede de Ensino Municipal, juntamente com os docentes, buscando na horizontalidade na construção desta formação continuada.

A formação de professores possui um papel fundamental que é compreender essa dinâmica da Educação do Campo como um enfrentamento ao modelo de desenvolvimento hegemônico. Neste viés, Molina (2015, p.149) nos diz que:

Se o movimento da Educação do Campo compreende que a Escola do Campo deve ser uma aliada dos sujeitos sociais em luta para poderem continuar existindo enquanto camponeses; para continuar garantindo a reprodução material de suas vidas a partir do trabalho na terra, é imprescindível que a formação dos educadores que estão sendo preparados para atuar nestas escolas, considere, antes de tudo, que a existência e permanência (tanto destas escolas, quanto deste sujeitos) passa, necessariamente, pelos caminhos que se trilharão a partir dos desdobramentos da luta de classes; do resultado das forças em disputa na construção dos distintos projetos de campo na sociedade brasileira.

Considerando essas especificidades, as lutas, disputas, e diálogos que estão em torno da Educação do Campo, sobretudo, para manter as Escolas do Campo, pois é sabido que o sistema societário vigente corrobora para o fechamento de escolas, sobretudo, as do campo. Considerando essas questões que emergem da luta histórica da Educação do campo o NEECA se desafia a construir coletivamente uma formação para as professoras e professores que atuam nessas escolas. O NEECA atualmente tem desenvolvido atividades em três localidades diferentes, sendo elas: Ilha dos Marinheiros, Ilha da Torotama e Comunidade da Capilha. Para melhor compreender onde ficam estas localidades demarcamos conforme figura 01.

Figura 1: Localização das três comunidades onde o NEECA atua.



Fonte: Google Earth

Como pode-se observar na imagem, as três localidades ficam distantes umas das outras, sobretudo a Comunidade da Capilha que fica mais de 70km de distância da área central do Município do Rio Grande. No entanto, nos deteremos nesta pesquisa apenas às atividades que vem sendo desenvolvidas na comunidade da Ilha dos Marinheiros.

Ainda sobre o que concerne o NEECA, é importante ressaltar que este núcleo surge devido às demandas específicas sobre Educação do Campo, sendo uma delas a formação continuada para professores que atuam neste contexto. É uma proposta de formação que reconhece as riquezas e as diversidades presentes neste ambiente e que para, além disso, traz como desenvolvimento principal o diálogo na busca de desconstruir os preconceitos e a desqualificação presente nos discursos sobre a Educação do Campo.

NEECA: um mediador na formação em diálogo

O NEECA tem como concepção teórica a Educação Popular por acreditar que esta permite construir o conhecimento na horizontalidade. Além disso, a Educação Popular se apresenta enquanto meio para uma educação problematizadora fazendo a crítica permanente ao sistema societário vigente. A Educação Popular nas palavras de Paludo (2015, p 220) é:

Construída nos processos de luta e resistência das classes populares, é formulada e vivida, na América Latina, enquanto uma concepção educativa que vincula explicitamente a educação e a política, na busca de contribuir para a construção de processos de resistência e para a emancipação humana, o que requer uma ordem societária que não seja a regida pelo capital.

Ainda sobre a Educação Popular, Freire (2015, p. 34) nos diz que:

Educadores e grupos populares descobriram que a Educação Popular é sobretudo o processo permanente de refletir a militância; refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios. A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes.

Permeados por esta concepção teórica o NEECA busca reunir os professores (as) que atuam na Educação do Campo no Município do Rio Grande na perspectiva da dialogicidade. Assim, neste viés do diálogo e da partilha ouvimos e nos encantamos ao escutar aqueles e aquelas que são formadores no espaço educativo, que são responsáveis por alimentar os sonhos dos estudantes destes contextos. Nessa experiência pedagógica é importante saber escutar, e de acordo com Freire:

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade ao ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando*, que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, certas condições, precise de falar a ele. (FREIRE, 2015, p.113, grifo do autor)

Nesta pesquisa vamos nos deter em analisar e discutir sobre as atividades desenvolvidas nas Escolas do Campo da Ilha dos Marinheiros que fazem parte da Rede

Municipal de Ensino do Rio Grande/RS. Para isso, é importante apresentar algumas características deste contexto.

A Ilha Dos Marinheiros é uma comunidade quase que predominantemente de agricultores (as) em regime familiar e de pescadores (as) artesanais. Possui fortes traços da colonização portuguesa, especialmente no que se refere às comidas típicas e culturas. Faz parte da sua história as Festas Religiosas onde é dividida em três comunidades católicas, sendo a Comunidade São João Batista, Comunidade da Santa Cruz e a Comunidade da Nossa Senhora de Lourdes. Todos os anos ocorrem às festas em datas diferentes nessas três comunidades e que atualmente compõem o Calendário de Festas do Interior do Município.

Na tentativa de apresentar ao leitor um pouco das histórias que entrelaçam as culturas da Ilha dos Marinheiros buscou-se trazer as narrativas que são passadas de geração a geração pelos homens e mulheres que viveram e vivem neste lugar. Começaremos nas páginas destas histórias trazendo um pouco do *Campeonato de Futebol Amador* e os *Campeonatos de Futebol de Sete*. O primeiro clube da Ilha data da década de 30, chegando a ter 10 clubes que formaram um campeonato específico do lugar. Essas atividades esportivas faziam parte do entretenimento das famílias que viviam na Ilha. De acordo com Correia (2013, p.04)

Alguns indícios apontam que o futebol amador na Ilha dos Marinheiros teve seu início por volta da década de 1930. As datas estão presentes e expostas nas atuais sedes sociais de alguns clubes que ainda possuem atividades, sejam elas eventos futebolísticos ou não.

Outro ponto forte característico deste contexto eram as plantações de flores para vender no dia “*das mães*” e principalmente no dia de “*Finados*”, sendo outra fonte econômica para as famílias de agricultores e agricultoras.

Ainda sobre a Ilha dos Marinheiros, é importante ressaltar sobre a produção de uma bebida tipicamente portuguesa que é o Vinho e a Jurupiga e que é considerada patrimônio Imaterial do Município do Rio Grande. Este licor tem fortes traços na colonização portuguesa e segundo Azevedo (2003, p.43):

Sua produção remonta a meados do século XIX, quando começou a plantação de uva na Ilha dos Marinheiros. É fruto da grande migração de portugueses, do norte de Portugal, para se instalar na localidade, que trouxeram consigo o conhecimento do plantio e cultivo da uva, assim com o modo de fazer a jurupiga e o vinho.

Trazer ao leitor, algumas das histórias que permeiam a estética e a conjuntura da Ilha dos Marinheiros faz-se necessário para compreender que elementos culturais são esses. Neste sentido, pensar a Educação do Campo nesta totalidade é fundamental para resgatar as

concepções socioculturais presente na trajetória desta comunidade.

Alguns dos professores (as) que atuam nesta localidade têm mais de 20 anos de atividades docentes na mesma escola, enquanto outros estão se inserindo neste contexto há pouco tempo. Considerando essa diversidade, o NEECA em uma de suas atividades pedagógicas de formação continuada, buscou fazer um diálogo sobre as culturas, as memórias, e as atividades tradicionais que ainda são presentes nesta Ilha. Para Arroyo:

Um diálogo na diversidade que enriquece o campo do conhecimento, da verdade e da formação. Fechar-se a esse diálogo será continuar reproduzindo preconceitos no próprio campo dos conhecimentos, da formação. Será continuar reproduzindo processos fechados, segregadores de experiências, de conhecimentos e modos de pensar que podem representar formas de enriquecer, diversificar visões de mundo, de verdade, de formação, se abertos ao reconhecimento e ao diálogo de saberes. (2010, p.486)

A formação de Professores na Educação do Campo ainda é recente na história que tange a formação de professores. Entendendo da importância que é ter uma formação crítica, participativa, cidadã e humanizadora partindo das concepções Freireanas, o NEECA tem como principal desafio articular e construir juntamente com os professores (as) uma formação que contemple a diversidade e também os anseios destes docentes e dos sujeitos envolvidos.

Caminhos Dialógicos na Formação de Professores (as) na Educação do Campo

É importante destacar que nesse processo formativo com os (as) professores (as) desenvolvido pela NEECA acontece com todos (as) docentes das quatro escolas, sendo elas três de Educação Infantil e Anos Iniciais e uma Escola de anos finais do Ensino Fundamental. As escolas de Educação Infantil e anos Iniciais são: Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Apolinário Porto Alegre, EMEF Renascer e EMEF Coração de Maria. Já a escola de anos finais é a EMEF Sylvia Centeno Xavier. Para melhor orientar o leitor marcamos a localização das quatro escolas que são o nosso campo de estudo conforme figura 02.

A falta de políticas públicas de formação interligada a fatores de ordem cultural e social corrobora para o distanciamento dos sujeitos que participam desta ação. Acabam por produzir entraves para as vivências de uma série de situações didáticas e pedagógicas que poderiam ser vivenciadas nos espaços educativos do Campo. Neste sentido, o NEECA trabalha a formação continuada com esses professores (as) de forma coletiva unindo todos (as) os docentes das quatro escolas em formação.

É importante dizer que, a Ilha dos Marinheiros está dividida em subáreas, sendo elas

Porto do Rei, Marambaia, Coreia e Bandeirinhas. A área que compreende o Porto do Rei tem como atividade econômica principal a agricultura familiar e é nesta área que estão presentes as Escolas de Ensino Fundamental Coração de Maria e Sylvia Centeno Xavier. Já as áreas da Marambaia, Coreia e Bandeirinhas a principal atividade econômica é a pesca artesanal. A Escola de Ensino Fundamental Apolinário Porto Alegre fica na área da Marambaia e a Escola de Ensino Fundamental Renascer fica na área da Coreia. A área das Bandeirinhas não possui nenhuma escola.

Figura 02: Localização das Escolas



Fonte: Google Earth

Embora, as escolas pertençam à mesma comunidade, os locais em que elas estão inseridas possuem um distanciamento no que tange a sociabilidade, isso porque, as atividades econômicas predominantes estão bem demarcadas em diferentes aglomerações. Diante destas especificidades o NEECA desenvolve as atividades de formação com todos os docentes das diferentes escolas. Um fator relevante é que Escola dos anos finais do Ensino Fundamental Sylvia Centeno Xavier recebe os estudantes das outras três escolas. Diante disso, pensar uma formação que englobe os diferentes sujeitos destas Escolas é fundamental para que se construa uma Educação do Campo no campo.

Pensar quais as práticas serão desenvolvidas nas escolas dos anos iniciais e que dialogue com as práticas da escola dos anos finais na tentativa de construir uma proposta pedagógica que abarque essas diferentes realidades, mais que principalmente consiga respeitar

o olhar e as vivências destes estudantes. De acordo com o Paulo Freire:

[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2015, p. 23)

Considerando esta Formação Continuada de forma global nas escolas do Campo presentes na Ilha, nossas atividades sempre se organizaram-se em forma de círculos de cultura. Nos círculos de cultura não existe uma pessoa que ocupará um lugar de maior expressão que a outra, todos (as) estão no mesmo nível de envolvimento. Ainda sobre os Círculos de Cultura, Brandão nos diz que:

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a dizer a sua palavra (2016, p.69)

As atividades de formação com os professores (as) têm como intencionalidade a reflexão destes sujeitos sobre o lugar em que estão e o que pretendem formar com as suas práticas pedagógicas. Em um dos nossos encontros reforçamos o contexto em que estes professores (as) estão inseridos e quais as culturas permeiam seus estudantes. O objetivo era sensibilizar estes docentes, trazendo no diálogo o lugar de fala de cada um dos seus estudantes. Isso porque, desenvolveu-se uma atividade encharcada de memórias, culturas, e estéticas que entrelaçam a própria história da Ilha. Mediados por perguntas geradoras: *“Como é a educação do Campo nas escolas da Ilha dos Marinheiros? Que educação do Campo queremos?”*

Neste encontro estavam presentes 14 professores (as) das quatro escolas conforme Quadro 01. Ressalta-se que as escolas dos anos iniciais possuem um número baixo de estudantes tendo em média 15 alunos e com isso o quadro de professores também é reduzido.

Quadro 01 – Número de professores participantes de cada escola na formação

Anos Iniciais	
EMEF Coração de Maria	02 professores
EMEF Renascer	02 professores
EMEF Apolinário Porto Alegre	02 professores
Anos Finais	
EMEF Sylvia Centeno Xavier	08 professores

Fonte: NEECA

O NEECA trouxe durante a atividade de formação, as memórias da Ilha dos Marinheiros. Seduzidos (as) com as histórias que permeiam o lugar e a partir das perguntas mediadoras as inquietações e narrativas sobre o fazer pedagógico nas escolas ganharam uma dimensão dialógica importante para refletir sobre a pergunta. Assim, para melhor descrever este momento da formação é importante apresentar algumas falas e intervenções deste professores(as) durante a atividade, ressaltamos que usaremos nomes fictícios para manter o sigilo dos participantes.

Professora 1 *“acho linda a cultura da Ilha, como não usar em nossas aulas”*.

Professora 2 *“eu não conhecia essa cultura toda da ilha, os alunos nem comentam”*.

Professora 3 *“este espaço é importante para conseguir integrar as diferentes escolas da Ilha. Nós por exemplo, recebemos alunos das três escolas dos anos finais e ter essa integração é rico para o nosso trabalho”*.

Professora 4 *“a gente precisa de momentos como este para pensar a Educação do Campo. Mesmo a gente se encontrando durante todo o ano letivo a gente fala sobre outras coisas e não paramos para pensar sobre as escolas onde atuamos.*

Neste sentido nossa intencionalidade foi trazer para o campo pedagógico a reflexão de que Educação do Campo estamos dialogando, que Educação do Campo queremos na Ilha dos Marinheiros e como essa Educação do Campo se apresenta nestes espaços. Para tanto, como pensar a didática e o fazer pedagógico desconsiderando os saberes de mundo e de seu lugar que cada estudante porta. Por isso, é importante reforçar que desenvolver a escuta por parte dos professores com os estudantes é fundamental na construção de um conhecimento crítico.

Escutar as histórias dos educandos é uma possibilidade muito rica na perspectiva de ampliar nosso repertório de informações sobre a forma como a pessoas buscam entender o mundo em que vivem, bem como para nos aproximar do sentido que essas pessoas atribuem ao que lhes acontece. (BARCELOS, 2010, p.56)

Deste modo, no que concerne a Formação de Professores desenvolvida pelo NEECA, permitiu que os docentes refletissem sobre a Educação do Campo nas Escolas da Ilha dos Marinheiros. É necessário ressaltar que esta formação entre as quatro Escolas promoveu a reflexão entre os docentes sobre uma pedagogia voltada para a Educação do Campo, a qual dialogue em uma mesma perspectiva teórica.

Considerações finais

Neste texto procuramos mostrar como é importante pensar a Educação do Campo no Campo. Isso porque, reforçamos que muitos dos professores (as) que atuam neste contexto

desconhecem a legislação e as especificidades que constituem este ensino. Se tivermos enquanto concepção teórica uma educação que seja humanizadora, problematizadora e emancipadora pela perspectiva de Freire, é fundamental que esta Educação leve em consideração os sujeitos que fazem parte do campo. E neste viés colocamos como perguntas geradoras: *Como é a educação do Campo nas escolas da Ilha dos Marinheiros? Que Educação do Campo queremos?* A partir deste questionamento buscamos coletivamente com os professores (as) das quatro escolas da Rede Municipal de Ensino, que estão localizadas na Ilha dos Marinheiros, refletir sobre esta questão.

A Educação do Campo está intimamente ligada à luta da reforma agrária e pela terra. No entanto, nem todas as comunidades do campo possuem essa luta histórica no seu contexto, mas possui outras questões que tornam cada lugar do campo com características únicas. É por isso, que os docentes que atuam na Educação do Campo precisam reconhecer o lugar onde estão se inserindo e ainda entender as relações socioculturais que fazem parte de cada lugar.

Deste modo, o NEECA tem sido um mediador no que tange a Formação Continuada de Professores (as) das Escolas do Campo. Buscando na horizontalidade construir a Educação do Campo em uma perspectiva da Educação Popular que visa valorizar os conhecimentos, não só científicos como também aqueles que cada sujeito traz consigo das suas experiências de vida. Atualmente a Educação do Campo, mesmo com toda sua legislação que a reconhece como um direito, vem sofrendo com os grandes cortes de investimentos na educação pública em sua totalidade e com isso programas e/ou projetos que invistam na formação de professores (as) acabam por não ser a prioridade de muitos governos. Assim, reforçamos o quanto o papel do NEECA é relevante no que tange a Formação de Professores da Educação do Campo buscando, especialmente, a valorização do contexto e de seus sujeitos.

**PERSPECTIVES ON TEACHER TRAINING (AS) IN RURAL EDUCATION:
reflections from Rural Schools**

Abstract

The present paper proposes to present a research about the Rural Education, whose scope consists in problematizing the formation for the Rural School's Teachers in a community called Ilha dos Marinheiros in the city of Rio Grande, Rio Grande do Sul state. The thoughts take place in the context of a traditional community where the Center for Studies on Rural Education - NEECa, seeks to discuss what about Rural Education we want, and how important it is to value the culture, history and aesthetics of the place with the subjects that to constitute. In this way, meetings were held with the teachers of the four schools located in this community, with the purpose of promoting reflection on a Rural Education that dialogues with the reality of the students and their community, which starts from educational assumptions that value the knowledge, as well as horizontality throughout the teaching / learning processes.

Keywords: Rural Education. Popular Education. Teacher Training.

**PERSPECTIVAS EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES EN LA EDUCACIÓN RURAL:
reflexiones de las Escuelas Rurales**

Resumen

Este artículo propone presentar una investigación que aborde la educación rural, cuyo objetivo es problematizar la formación de maestros de escuelas rurales en una comunidad llamada Ilha dos Marinheiros en la ciudad de Río Grande, Rio Grande do Sul. Las reflexiones tienen lugar en el contexto de una comunidad tradicional donde el Núcleo de Estudos Sobre a Educação do Campo - NEECa, busca dialogar sobre lo que quiere la Educación Rural, y lo importante que es valorar la cultura, la historia y la estética del lugar con los sujetos que constituirlo. De esta forma, se realizaron reuniones con los docentes de las cuatro escuelas ubicadas en esta comunidad, con el propósito de promover la reflexión sobre la Educación Rural que dialoga con la realidad de los estudiantes y su comunidad, en base a supuestos educativos que valoran el conocimiento popular, así como la horizontalidad a lo largo de los procesos de enseñanza / aprendizaje.

Palabras clave: Educación rural. Educación popular. Formación del profesorado.

Referências

AZEVEDO, Ana Lucia Dias Morisson. **A Ilha dos três Antônios**. Águeda: Artipol, 2003.

ANTUNES-ROCHA, I, M. Desafios e perspectivas na formação de educadores: reflexões a partir do curso de licenciatura em educação do campo desenvolvido na FAE/UFMG. In: SOARES, L. (Org.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte : Autêntica, 2010.

ARROYO, Miguel G. Prefácio. In: KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Irmão; MOLINA, Mônica C. (orgs.). **Por Uma Educação do Campo (Memória)**. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ARROYO, M. **Educação do Campo: movimentos sociais e formação docente**. In: SOARES, L. (Org.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, nº 2.

BARCELOS, V. **Avaliação na Educação de Jovens e Adultos: uma proposta solidária e cooperativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRANDÃO, C.R. Círculo de cultura. In: D. STRECK (org.), **Dicionário Paulo Freire**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 69-70

BRASIL. **Decreto 6.040 de 07 de fevereiro de 2007**, Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em 26 nov. 2018.

BRASIL. **Portaria nº 10/1998**. Institui o Programa Nacional de Educação na Reforma

Agrária. 1998. Disponível

em: http://www.incra.gov.br/imagens/phocadownload/reforma_agraria/projetos_e_programas/educacao_no_campo_pronera/programa_nac_educacao_reforma_agraria.pdf.

Acesso em: 05 nov. 2018

BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010.** Dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 5 nov. 2010.

CORREA, J. M; FREITAS, G. S; RIGO, L. C. **Narrativas de memórias esportivas: a emergência de clubes de futebol amadores na Ilha dos Marinheiros – Rio Grande/RS.** Esporte e Sociedade, v. 8, n. 21, março 2013. Disponível em:

http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/235228_es2107.pdf. Acesso em 11 dez 2018.

COUTINHO, A. F. Do Direito à educação do Campo: A luta continua! AURORA, **Revistas dos Discentes da Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unesp/Marília – SP.** Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1218>. Acesso em: 11 dez 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Política e educação.** [organização Ana Maria de Araujo Freire]. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LEITE, S.C. **Escola rural:** urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

MOLINA, Mônica Castanga; JESUS, Sônia Meire Azevedo de. **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo.** Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2004.

MOLINA, Monica Castagna. Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. **Educar em Revista**, n. 55, p. 145-166, 2015.

PALUDO, Conceição. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Caderno Cedex**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago. 2015.

RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 1, p. 27-45, 2008.

RIO GRANDE DO SUL. **Resolução nº 342, de 11 de abril de 2018.** Consolida as Diretrizes Curriculares da Educação Básica nas Escolas do Campo e estabelece condições para a sua oferta no Sistema Estadual de Ensino. Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 11 abr. 2018.

SILVA, Paulo Roberto de Sousa. **Trabalho e Educação do Campo: O MST e as Escolas de Ensino Médio dos Assentamentos de Reforma Agrária do Ceará / Paulo Roberto de Sousa Silva.** – 2016. 128 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.